

As revistas de fãs como suporte para o *star system*: a Scena Muda e a representação feminina (1930)¹

Gabriela Soares CABRAL²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender como as revistas de fãs funcionam como um suporte para o *star system* na difusão de uma determinada representação de feminilidade pautada em preceitos hollywoodianos. Para que se alcance esta proposta, será realizada uma análise da Scena Muda (1921-1955), uma das principais publicações deste nicho no país, durante os anos 1930, período escolhido por ser considerado o auge dos estúdios de Hollywood.

PALAVRAS CHAVE: *star system*; feminilidade; revistas de fãs.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Scena Muda (1921-1955) foi uma das principais representantes das revistas especializadas em cinema em circulação no Brasil devido ao longo tempo de veiculação. O periódico de tiragem semanal publicado pela Companhia Editora Americana se fez presente na vida dos espectadores do país. Através de colunas como Os que vivem no Écran, A moda no cinematógrafo e Os tipos de beleza na Scena Muda, o veículo que utilizava como fonte materiais de divulgação de companhias cinematográficas trazia conselhos de moda, beleza e comportamento das estrelas, construindo e disseminando um conceito de feminilidade visto como ideal por Hollywood.

Como foi veiculada durante 34 anos, a revista passou por diferentes décadas, onde transformações culturais e sociais ocorreram na sociedade diante de alguns fatos históricos. Como exemplos temos o advento da Segunda Guerra Mundial, em 1939, momento apontado como determinante para um começo na emancipação feminista, e o lançamento do Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir em 1949, marco na história da produção literária feminista. Estas mudanças não impactaram somente a história

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Mestrando do Programa de Artes Cultura e Linguagem do IAD-UFJF, e-mail: gabriela.soarescabral@gmail.com

mundial, como também se refletiram no papel do comportamento do gênero feminino e nas mudanças das imagens da mulher difundidas pela moda e pela beleza.

Analisar se a Cena Muda apresentou para o público feminino brasileiro alguma representação da mulher durante os anos 1930, através da moda e da beleza pautadas no estrelismo é o objetivo deste estudo.

ESTRELISMO E AS REVISTAS DE FÃS

Desde o início do século XX o cinema americano começava a imperar mundialmente. Seu domínio construiu-se após a Primeira Guerra Mundial, quando os mercados europeus estavam devastados pelo conflito. Os Estados Unidos estavam fora do campo de batalha e, portanto, possuíam condições de fazer filmes e exportá-los, o que acabou gerando uma universalização do olhar norte-americano. Juntamente com o domínio hollywoodiano sobre o mercado cinematográfico internacional, houve na virada da década de 1920 para a de 1930 o surgimento dos filmes falados e a produção de filmes baseado em um sistema industrializado, pautada no capitalismo, chamado de *studio system*³. Estes três fatores somados foram responsáveis pelo surgimento da era dos grandes estúdios.

Através do *studio system*, Hollywood exportou para seus espectadores seu modo de vida pautado no consumo e no lazer e, assim, participou “da formação de um público cativo e profundamente envolvido com as temáticas hollywoodianas em sua estética peculiar”, deixando assim “marcas constitutivas na história cultural dos países consumidores de filmes, bem como laços afetivos complexos” (MENEGUELLO, 1992, p.85-86). Segundo Meneguello (1992), o alicerce da estrutura bem sucedida desse sistema estava fundamentada na promoção dos longas através da figura das estrelas. Chamado de *star system*, este processo buscava reproduzir os grandes atores e atrizes do cinema como principal produto para a venda dos filmes.

O *star system* surgiu entre os anos de 1913 e 1919, momento no qual a indústria cinematográfica, ao intuir que o público reagia à presença de determinados astros, percebeu que seus produtos poderiam ser comercializados através da imagem de atores e principalmente atrizes, que passaram a ser encaradas como mercadorias – fabricáveis.

³ Setorização no processo de produção fílmico. Os procedimentos, antes centralizados nas mãos dos diretores, passaram por uma especialização de departamentos. Assim, os estúdios não eram responsáveis apenas pela produção dos filmes, mas também por sua distribuição e exibição.

Os investimentos e as técnicas de racionalização do sistema fazem da estrela um artigo destinado ao consumo das massas, uma vez que a sua difusão em larga escala é assegurada por veículos de comunicação modernos, como, por exemplo, imprensa, rádio e o cinema. Deste modo, os intérpretes são transformados em produtos a serem consumidos pelos espectadores, através da projeção-identificação prevista por Morin (1980). As estrelas, ao mesmo tempo em que adquirem um papel de mito⁴, possuem também um lado humanizado, levando os espectadores a projetarem em seus ídolos aquilo que não podem realizar e se identificarem com seus atributos humanos. Portanto, neste processo, o *star system* transforma até a vida privada dos artistas em objeto dotado de valor comercial e publicitário: “a estrela é simultaneamente mercadoria de série, objeto de luxo e capital fonte de valor” (MORIN, 1980, p.81).

Conforme destaca Morin (1980), há no *star system* uma preponderância feminina. As estrelas femininas são mais mitificadas que as masculinas e, conseqüentemente, são mais idealizadas e menos reais. Segundo Laura Mulvey (1983), isto ocorre através do prazer visual, um conceito utilizado para descrever como Hollywood estruturou a sua cinematografia por meio dos códigos de uma linguagem patriarcal dominante. Existem, portanto, duas formas em que isto acontece: a primeira é o prazer em observar outra pessoa como um objeto de estímulo de olhar, enquanto a segunda se constrói no narcisismo que se identifica com a imagem vista. Dentro deste contexto, as mulheres se tornam signos de sexualidade convertidas em imagens ao se tornarem, simultaneamente, objeto erótico para os personagens na tela e para o espectador.

Assim, as estrelas, moldadas pelos grandes estúdios e representantes dos padrões estabelecidos pelo mercado cinematográfico, projetavam para o público feminino, através de arquétipos, as formas como a mulher deveria se comportar, se vestir e se embelezar:

A estrela participa dessa purificação estética que é o cerne de todo o espetáculo. Passa, portanto, a alimentar o sonho ou o imaginário que, por sua vez, passam a modelar a conduta, ou seja, os processos de identificações e imitações são postos em prática. A partir daí, todo o gestual, o modo de expressão, as formas dos relacionamentos com o meio social são guiados pela conduta das estrelas que se transformam em modelos a serem

⁴ É importante ressaltar que aqui falamos de mito como um conjunto de condutas e situações imaginárias onde os protagonistas são personagens sobre-humanas, heróis ou deuses. Dessa forma a estrela como mito é entendida pelo processo de divinização do cinema que a transforma em um ídolo para seus espectadores (MORIN, 1980).

seguidos (GUBERNIKOFF, 2016, p.73).

Neste contexto, a imprensa cumpriu um papel mediador entre a influência cinematográfica e seus espectadores, através de impressos especializados em cinema, também conhecidos como revistas de fãs (MIRA, 2001).

Criados neste contexto da hegemonia hollywoodiana, estes periódicos disseminavam o modo de vida norte-americano. Marcados pelo culto às estrelas, estas publicações traziam entrevistas, reportagens, fofocas e fotografias sobre seus astros e os bastidores de suas produções, como forma de fortalecer o *star system* e o *studio system*, já que a maioria das notícias e reportagens eram materiais publicitários produzidos e enviados pelos próprios estúdios.

Segundo Meneguello (1992), as revistas de fãs potencializam os signos cinematográficos e a circulação das informações sobre os filmes. Assim, evidenciou-se o interesse por imagens e temas relacionados à Hollywood:

Em cidades de grande porte como Rio de Janeiro ou São Paulo, 80% da população frequentavam as salas de exibição central ou as de bairro pelo menos uma vez por semana. Parte considerável deste grupo consumia os materiais midiáticos relacionados a este cinema, fosse através de colunas de jornais, de revistas de variedades, de revistas especializadas, ou de álbuns de fotografias. (MENEGUELLO, 1992, p. 6).

O crescimento do mercado cinematográfico no Brasil durante a década de 1920 foi o que tornou possível o surgimento das revistas de fãs no país enquanto que para Hollywood a implementação dessas publicações em território brasileiro também seria favorável para alimentar o sistema em solo nacional. Portanto, os estúdios hollywoodianos forneciam para os periódicos nacionais entrevistas, reportagens, fofocas, e fotografias sobre os bastidores de suas produções, como forma de fortalecer o *star system* e o *studio system* nas revistas brasileiras.

A FEMINILIDADE NA REVISTA SCENA MUDA

Tendo em vista que a revista Scena Muda era produzida com base nos materiais publicitários fornecidos pelos estúdios cinematográfico hollywoodianos, podemos dizer que ela trazia para seu público uma representação norte-americana dos fatos, o que incluía a moda e a beleza. Considerando que a imagem feminina está presente em

grande parte das páginas da publicação, seja como foco da matéria ou apenas como ilustração, a moda, a beleza e o comportamento hollywoodiano estão constantemente presentes.

Durante as edições de 1930, nota-se um grande número de artigos onde o perfil das grandes estrelas é traçado, trazendo aos fãs informações sobre a nacionalidade, gostos e vida privada. Estes perfis eram sempre ilustrados por imagens onde a beleza da atriz era exaltada. Além disso, o texto também acabava por trazer informações sobre a relação do ídolo com a moda e a beleza.

Um exemplo destes perfis se encontra na página 14 da edição de número 811 do ano de 1938, em que encontramos informações sobre Bette Davis. O autor começa o texto tecendo elogios à carreira profissional da estrela, porém, logo parte para sua vida pessoal, conforme o trecho exemplifica: “[...], no entanto não devemos esquecer que ella é, na vida privada, uma esposa feliz, que atende carinhosamente seu e seu lar, e que encara sua situação matrimonial com tão serena seriedade e empenho”. Nestas linhas do texto já podemos observar como as revistas de fãs transmitem a ideia de perfeição do mito e a difusão do modelo feminino ideal como aquele dedicado ao lar, criando uma imagem feminina conservadora e submissa, conforme foi falado por Adamatti (2008).

Neste mesmo artigo sobre Bette Davis, podemos observar também trechos em que algumas características do *american way of life* estão inseridas. Quando a matéria questiona à estrela qual o segredo de sua energia e saúde, podemos ver claramente na resposta da atriz uma referência ao otimismo valorizado pela nação norte-americana: “Gozar de tudo plenamente! Viver mais com a alma do que com o corpo... Não pensar mais do que nos problemas puramente espirituais e abstractos, posto que os problemas materiais são de fácil solução, quando o espírito está fortalecido pela felicidade e pela actividade mental... Eis tudo!”.

Esta imagem da mulher voltada para o lar também aparece no artigo *Anita Page fala sobre o amor*, publicado nas páginas 14 e 32 da edição 518 de 1931. No texto a estrela faz algumas reflexões sobre amor e relações duradouras, deixando claro no final que não acredita que a figura feminina possa dividir entre a carreira e o lar, afirmando, assim, que o grande desejo de toda mulher é encontrar seu grande amor, mesmo obtendo êxitos na carreira e na vida. Aqui, vemos mais uma vez o sexo feminino através da imagem conservadora voltada para o marido e para o lar.

Os conselhos dados por Joan Crawford em 1931, nas páginas 5 e 6 da edição número 544 também ressalta a submissão da mulher em relação ao marido. A atriz afirma para a revista que a felicidade no casamento depende inteiramente da esposa e que os homens de cansam do matrimônio quando a mulher “exige demasiado do seu marido. O marido julga estar tomando por esposa uma jovem que sabe raciocinar e assumir suas próprias e, finalmente, descobre que está amarrado a uma mulher que julga exercer domínio completo sobre ele”.

Outra representação feminina que pode ser encontrada na *Scena Muda* se refere a mulher cuja sedução é avassaladora, nomeando a atriz dona de tal atributos como “perigosa”. A edição 624 de 1933 exemplifica bem esta imagem, quando ao apresentarem o perfil da atriz Alice White, a publicação a descreve como “a garota que se revelou um demônio de saias e atormentou centenas de homens com a perfeição de suas pernas e a delícia de sua arte e de sua mocidade”. Há também uma matéria, na edição 302 de 1932, em que logo no título Jeans Harlow é chamada de “o novo perigo de Hollywood”. O texto completa: “Jean Harlow – *platinum blonde* ou de cabelos longos, como mostra seu novo e definitivo filme – é o novo perigo de Hollywood, a nova *tentatrice* com absoluto domínio sobre os olhos e o coração dos homens de todo o mundo”.

Nestes perfis também foi possível notar como a beleza era vista como fator determinante no sucesso feminino. A edição 846 de 1937 deixa claro como a aparência física influenciava a carreira das atrizes com o exemplo de Nan Grey: “Facilmente obtive que fizesse um *test* nos estúdios da *Warnes Bros*. Nan naturalmente não tinha prática na arte interpretativa. Mas tinha mocidade, vivacidade, beleza, porte agradável. Ganhou um pequeno contrato de doze meses!”.

A sessão *Os que vivem no Écran*, uma das poucas fixas da revista, também apresenta aos leitores algumas informações acerca de suas estrelas, assim como acontecem nos perfis. Na edição número 757 de 1935 na página 14, a coluna traz a atriz Claire Dodd e seus segredos de beleza, e assim, podemos observar alguns padrões de beleza destacados por Sant’Anna (2014) como a valorização do ideal de naturalidade.

Sem possuir a beleza chamada de clássica, Claire Dodd é uma das mulheres mais bonitas do Cinema e, no entanto, é a primeira a confessar que não deve todos os primores de uma boa pele, de uma excelente saúde, ótimas cores e olhos límpidos e imensos à hereditariedade e, também, aos cosméticos (*Os que vivem no Écran, Scena Muda*, 1935, nº757, p.14).

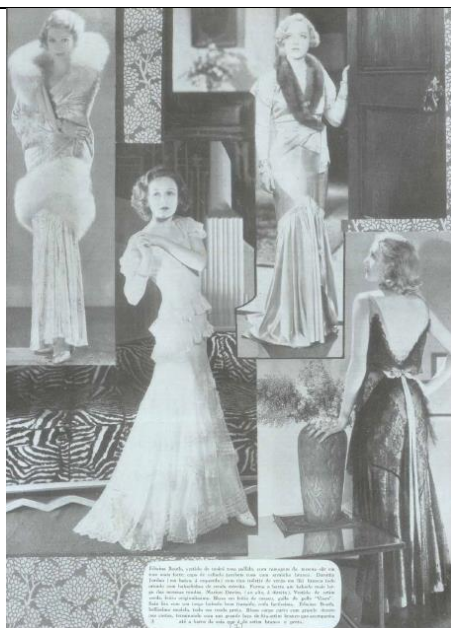
Também podemos observar a exaltação da beleza natural numa pequena nota sobre um cosmético publicada na página 31 da edição 728 de 1935, em que o autor descreve como o excesso de produtos cosméticos ao invés de representar uma melhoria da pele, poderia deixá-la com uma aparência artificial. Segundo a revista, “para exibir a *cúti*s perfeitamente natural e formosa que toda mulher possui encoberta pela camada exterior de sua tez é preciso fazer desprender a *cutícula* gasta com todos os seus defeitos”. Além da aparência natural, a revista também dissemina a associação entre beleza e saúde, que conforme explicitado por Sant’Anna (2014) era vigente na época.

Podemos observar também que por trás do luxo apresentado nas telas, a *Scena Muda* traz em suas páginas um discurso de simplicidade por meio de falas das estrelas. Na coluna *Novidades da Tela* na página 5 da edição 518 de 1931, a atriz Kay Francis, descrita pela revista como a mais elegante de Hollywood oferece conselhos sobre vestuário às leitoras, em que deixa claro que “a elegância e o bom gosto no vestir não estão nos trajes luxuosos, nas joias custosas, em um exterior irreprensível”, e sim que os pequenos detalhes que mostram e qualificam o gosto da mulher.

É interessante notar como as imagens diferem dos textos. Como vimos acima os artigos trazem discursos em que a simplicidade da atriz impera diante do luxo mostrado na tela, apontado por Sant’Anna (2014) como o padrão de feminilidade ideal. Porém, as imagens mostram as atrizes cobertas de glamour que era, conforme dito por Dyhouse (2010), uma tendência nas produções cinematográficas hollywoodianas dos anos 1930.

A figura 1 mostra a atriz Edwina Booth usando algumas peças características da imagem de glamour disseminada por Hollywood em 1930. Nas duas primeiras imagens da estrela podemos observá-la coberta por vestes onde há destaque para os detalhes em peles. Segundo Dyhouse (2010,) os pelos de animais simbolizava o glamour máximo do período.

Figura 1: Edwina Booth apresenta algumas peças descritas seguidas pelas descrições de cores, tecidos e modelagem. Fonte: *Scena Muda*, nº540, p.7, 1931



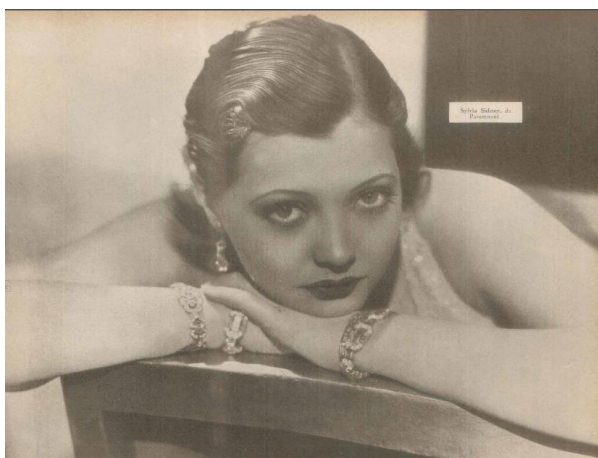
A figura 2 também ressalta o uso dos pelos de animais através de Edwina Booth, Anita Page e Karen Morley. Apesar da legenda não citar o uso de peles, a fotografia das atrizes deixa bem claro como este item era importante do guarda-roupa de uma *star*.

Figura 2: Uso de peles de animais na coluna *A Moda em Hollywood* representado pelas atrizes Karen Morley, Anita Page e Edwina Booth. Fonte: Revista *Scena Muda*, nº580, p.7, 1932



Como falado por Dyhouse (2010), as joias também eram amplamente utilizadas por Hollywood na criação de uma imagem do glamour⁵ feminino. Na *Scena Muda* as fotografias apresentadas não fogem deste padrão. Sylvia Sidney em 1932, figura 3, posa para a revista com os pulsos cobertos por pulseiras, que apesar de não podermos identificar o material, mostra o brilho das peças.

Figura 3: Joias na revista *Scena Muda* representada pela atriz Sylvia. Fonte: Revista *Scena Muda*, Sidney nº602, p.6, de 1932



As joias não apareciam somente em imagens posadas por atrizes, mas também em fotogramas retirados das películas hollywoodianas. A figura 4 mostra um fotograma do filme *O Café de Felisberto* publicado pela *Scena Muda* em 1931 mostra a personagem Mlle.Bérengère, interpretada pela atriz Dorothy Christy, aparece coberta de joias e enrolada em pelo de animal.

Figura 4: Fotograma retirado do filme *O Café de Felisberto* publicado pela revista *Scena Muda*. Fonte: Revista *Scena Muda*, nº508 de 1931

⁵ Segundo Dyhouse (2010), durante o século XX o termo era relacionado ao ocultismo e à magia, uma vez que designava feitiços de ilusão. Seu significado começou a mudar no início do século XX, se relacionando com a opulência do teatro, o exótico e a sofisticação sexual. Foi a partir da década de 1930 que a palavra ganhou uma conotação mais ligada à moda e a uma forma de feminilidade. Neste contexto, o cinema exerceu um papel de catalizador da expressão, onde o glamour se tornou requisito para ser estrela.



Pode-se imaginar que esta contradição entre o glamour apresentado nas imagens e a simplicidade descrita no texto seja explicada por Morin (1980, p.30-31) quando este afirma que a partir da década de 1930 as estrelas passaram por um processo de humanização.

A estrela tornou-se efetivamente familiar (no duplo sentido do termo). Antes de 1930 ignorava o casamento burguês e só se ligava a estrelas da mesma categoria. Posteriormente, pôde, sem se rebaixar, desposar atores secundários, industriais, médicos. Já não habita o castelo semifeudal ou o templo pseudogrego, mas o apartamento ou a vila, ou mesmo o rancho. Exibe com toda simplicidade uma vida de interior burguês: põe um avental garrido, acende o fogão, prepara ovos com presunto. Antes de 1930, a estrela não podia engravidar, depois de 1930 pode ser mãe, e mãe exemplar (MORIN, 1980, p.30).

Além do glamour, as imagens veiculadas pela *Scena Muda* mostram, conforme falado por Sant'Anna (2014), como a maquiagem era utilizada no cinema, contribuindo para o aumento de sua aceitação por parte da sociedade. Podemos observar que as atrizes aparecem maquiadas, e neste contexto, os lábios vermelhos, sobrancelhas marcadas e cílios realçados por rímel são uma constante, como exemplificam as imagens 5 e 6.

Figuras 5 e 6: Maquiagem em Ruth Catterton; Maquiagem em Mae West,.Fonte: *Scena Muda*, n°458, p.22 de 1930 e *Scena Muda*, n°632, capa, 1933



Há também imagens em que as estrelas são fotografadas durante o momento da aplicação da maquiagem, o que pode representar uma forma de mostrar às leitoras os rituais de embelezamento das atrizes, e ao mesmo tempo difundir o uso de produtos de maquiagem. As imagens 7 e 8, respectivamente, mostram as atrizes June Vlasek marcando suas sobrancelhas e Evalin Knapp aplicando seu batom, logo no capa, que como já dissemos, verificam o padrão de beleza disseminado no período.

Figuras 7 e 8: June Vlasek marcando suas sobrancelhas; Evalin Knapp retocando o batom, Fonte: *Scena Muda*, nº667, p.22 de 1931 e *Scena Muda*, nº590, capa, 1933



Além disso, o uso da maquiagem em Hollywood também é ressaltado através do texto. A edição 821 de 1936 traz uma coluna em que a atriz Joan Blondell divide seus conselhos de beleza. Após falar sobre os cuidados com o corpo, cabelos e pele, a estrela fala sobre sua rotina de produtos cosméticos e de maquiagem.

Antes de entrar na água, esfrego creme no rosto e depois de remover a *maquillage* velha, passo outro creme nutritivo, que deixo ficar por uns vinte minutos, quando fico sentada, descansando o corpo e o espírito, com os olhos fechados. Em seguida, uso um sabonete (sem perfume) e com a minha grande e macia escova de banho, limpo toda a minha pele.

A água fria no final, tem por efeito refrescar o corpo e fechar os poros. Sinto-me, então, descansada e bem disposta.

Quando saio do banheiro faço enérgica fricção no corpo, com toalha secca e áspera, até sentir a pele arder. Então, sei que tenho activada a circulação e os músculos elasticos. Depois passo água de colônia pelo corpo, e finalmente, pó de arroz.

Dessa forma, os conselhos transmitidos por Joan Blondell acabam por incitar nas leitoras da revista o consumo destes bens. O que também acaba acontecendo com a moda, quando, por exemplo, a edição 821 da *Scena Muda* de 1936 traz a atriz Kay apresentando alguns conselhos sobre moda. De acordo com a estrela, a “côr preta [...] é a côr ideal para realçar a beleza de toda mulher e com a qual todos os tecidos se

apresentam mais bonitos e elegantes”, contribuindo dessa forma pela assimilação do público em relação a esta tonalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Após estas reflexões podemos compreender como o *Scena Muda*, enquanto reflexo da indústria norte-americana, se utilizou do sistema de estrelas hollywoodiano e outros processos de legitimação para se conectar com seus leitores. Ao utilizar a imagem das grandes estrelas, através dos processos de projeção e identificação conceituados por Morin (2009), os estúdios cinematográficos e, conseqüentemente, as revistas de fãs, difundiu para seu público alguns padrões de comportamento pautados no estilo de vida dos Estados Unidos, que apresentava o consumo como principal base.

Portanto, ao analisar as edições da revista *Scena Muda* veiculadas durante a década de 1930 foi possível observar dois caminhos de representações femininas no que se refere ao comportamento. De um lado tem-se a representação da mulher que, embora emancipada, ainda é submissa ao homem dentro e fora do casamento, vivendo em função de encontrar um bom partido. De outro lado tem-se a imagem da mulher “perigosa” no sentido em que exerce sobre os homens uma sedução avassaladora.

Dessa forma, podemos perceber como a imprensa, principalmente, as revistas de fã, exerceram um papel fundamental na mediação entre indústria cinematográfica e público, uma vez que eram um reforço para que este universo dos filmes e estrelas chegassem a casa do espectador.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:

ADAMATTI, Margarida Maria. **A crítica cinematográfica e o star system nas revistas de fãs: A Cena Muda e Cinelândia (1952 – 1955)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Meio e da Produção Mediática) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DYHOUSE, Carol. **Glamour: women, history, feminism**. Londres: Zed Books, 2010.

GUBERNIKOFF, Giselle. **Cinema, identidade e feminismo**. São Paulo: Editora Pontocom, 2016.

MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano da mídia brasileira das décadas de 40 e 50**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MORIN, Edgar. **As estrelas de cinema**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014

PERIÓDICOS

SCENA MUDA. Rio de Janeiro. Companhia Editora Americana. 1921-1955.